

Relato de viagem: México sincrético

José Guilherme C. Magnani



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1957>

DOI: 10.4000/pontourbe.1957

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

José Guilherme C. Magnani, « Relato de viagem: México sincrético », *Ponto Urbe* [Online], 9 | 2011, posto online no dia 31 dezembro 2011, consultado o 15 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1957>

Este documento foi criado de forma automática no dia 15 setembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Relato de viagem: México sincrético

José Guilherme C. Magnani

- 1 Estive em Guadalajara, capital da província mexicana de Jalisco, nos dias 19 a 23 de setembro de 2011 para um colóquio internacional sobre a influência da New Age em práticas de curandeirismo e xamanismo na América Latina. Mais precisamente: Reinterpretaciones New Age de las tradiciones sincréticas latinoamericanas. Como eu havia feito uma pesquisa sobre o tema da religiosidade contemporânea e a Nova Era na cidade de São Paulo, e publicado um livro com os resultados do estudo (Mystica Urbe, São Paulo, Ed. Nobel, 2000), fui convidado a participar do encontro e apresentar uma ponencia intitulada El chamanismo urbano en el contexto de la religiosidad brasileña contemporánea.



- 2 Ademais de pesquisadores de diferentes instituições e universidades mexicanas, havia guatemaltecos, franceses, um argentino e brasileiros, – neste último grupo, além de mim, estavam Carlos Steil (UFRGS) e Deis Siqueira (UNB). Foi interessante observar a disseminação de práticas – “limpias” (uma espécie de descarrego ou defumação), amuletos, ervas, sementes, plantas, danças e rituais de cura de origem ou inspiração indígena nos países da América Espanhola em contraste com o caso brasileiro, onde estas práticas ora remetem a um contexto católico-camponês ou afro-brasileiro, mais do que indígena – com exceção das religiões ayahuasqueiras.



- 3 No caso mais específico da influência da Nova Era sobre tais práticas, há outras diferenças entre o que ocorreu no Brasil e esses países. Em primeiro lugar, por aqui, as referências a sistemas de cura indígenas que apareciam no circuito que chamei de neo-esotérico, (prefiro esta expressão ao termo “Nova Era”) davam-se pela atuação de uns poucos membros de algumas etnias (Xavante, Txucurramãe, Mundurucu, Guaraní) na década de 1990, claramente familiarizados não apenas com o ambiente de grandes centros urbanos, mas com as demandas de um público de classe média sensível aos apelos, então, da New Age.
- 4 No entanto, como essa “moda”, ao menos em nosso caso, já teve seu apogeu, é grande o contraste com o que ocorre ainda na região andina, México, Guatemala, onde a presença indígena (não só nesse campo) é marcante: os pesquisadores dessas regiões ainda tomam o fenômeno New Age como referência para pensar as “hibridizações”, o “sincretismo”, o “turismo religioso”, os apelos para cura do planeta, o respeito à Pachamama, etc.
- 5 Argumentei ainda que, no caso do Brasil, práticas identificadas com a Nova Era – que subsiste em alguns círculos – apelam mais para tradições dos índios das planícies norte-americanas (sweat lodge, talking stick, dança do sol, o uso de um certo tipo de tambores), centro-americanos (o famoso calendário maia) e filosofias ou religiões

orientais – do que para práticas de povos indígenas do território brasileiro ou da umbanda e candomblé, estes últimos, aliás, claramente evitados.

- 6 Terminado o congresso, rumei para a cidade do México, a convite de um ex-aluno de pós-graduação, Ricardo Tena, antropólogo e arquiteto, que havia feito uma disciplina que ministrei no PPGAS da USP e atualmente é o diretor de Pós-Graduação da Escuela Superior de Ingeniería y Arquitectura do Instituto Politécnico Nacional. Com ele – e posteriormente com dois professores dessa Faculdade, Olivia Domínguez Prieto e Felipe Heredia Alba, – percorri o bairro popular de La Merced, na região central, que abriga vários mercados, entre os quais La Sonora, onde pude comprovar a vitalidade das práticas de cura de origem indígena e com forte apelo da New Age. Alguns elementos ligados à santería denotam também a incipiente influência de entidades e crenças de origem africana, principalmente via Cuba. Alguns “orichas” lá estavam, e pude apreciar o arco e a flecha de “Ochóssi”, entre outros.



TIENDA ESOTERICA "KARINA"
 AMARRES, LIMPIAS, ENDULZAMIENTOS, LECTURA DE CARTAS
 RITUALES PARA ATRAER EL AMOR, PRODUCTOS MISTICOS Y ESOTERICOS

CONSULTAS GRATIS
PERFUMES AFRODISIACOS.
VELADORAS.
CIRIOS PASCUALES Y
PRODUCTOS DE SANTERIA

Lun-Sab 8 am a 7 pm
 Domingo 8 am a 5 pm

Mercado de Sonora Puerta 8 Local 181
 Col. Merced Balbuena Tel.: 55-52-37-26

- 7 Tão poluída quanto São Paulo e talvez até com mais engarrafamentos, a cidade do México, contudo, impressiona pela monumentalidade de edificações religiosas e civis.

Destacam-se a catedral, o edifício do governo central, a sede do tribunal – todos circundando o famoso Zócalo, espécie de grande largo, palco de manifestações e espaço de lazer popular – além de templos, museus, edifícios de órgãos públicos, datados de diferentes períodos de sua história, desde a época pre-colombiana, passando pela colonial, pela fase revolucionária até os dias de hoje.



- 8 O Museu de Antropologia é também monumental: passei lá uma manhã, mas para percorrer todas as salas seriam necessários vários dias. Chama a atenção a presença de visitantes de todas as idades e condições sociais, principalmente de grupos de alunos, do ensino fundamental ao universitário, todos copiando os textos explicativos das peças e instalações museológicas. Colei-me a um desses grupos, que seguia atentamente as explicações do guia: estavam escutando as histórias de seus antepassados: o jogo pré-colombiano dapelota de cautchu suscitou inúmeras perguntas por parte dos meninos.



- 9 No Templo Mayor, mistura de museu e sítio arqueológico, que mostra as fundações e expõe elementos resgatados de uma das pirâmides descobertas por ocasião de obras de remodelação urbana, bem no centro da cidade, a atitude dos visitantes é de veneração: estão, mesmo, visitando um templo. Minha visita foi guiada por uma antropóloga amiga, Ana Rosas Mantecón, que conheci no último encontro da Rede Brasil-Portugal de Estudos Urbanos, em Coimbra, em maio deste ano. Ana Rosas é autora de uma etnografia justamente sobre a composição social do público habitual e chamou a atenção sobre aquela atitude dos visitantes que, segundo ela, não era bem vista pelos museólogos e administradores do museu, ciosos de uma perspectiva mais “neutra” diante dos objetos e textos explicativos que compõem a expografia do museu.



- 10 Uma queixa recorrente: a onda de violência desencadeada pelo narcotráfico e pela política do governo, que envolveu as forças armadas na repressão. Diz-se que o grau de violência ultrapassou níveis, digamos, “aceitáveis”. Drogas e armas circulam pela extensa fronteira com os EUA; sequestros, tráfico de pessoas e execuções com extremos

de crueldade são cada vez mais recorrentes. A presença de policiais fortemente armados, aqui e ali, na cidade, intimida...

- 11 Intimida também o desayuno típico mexicano: frango ensopado, feijão, massa, tortillas, ovos, frutas ... E tudo com o famoso chile, insidiosa pimenta que é adicionada até em doces! É um verdadeiro almoço; este, só vai ocorrer mesmo ali pelas 15:00 horas. Pudera, com tal refeição matutina... A tortilla, uma rodela fina de massa feita com farinha de milho, é uma das bases da culinária popular, pois serve para envolver qualquer tipo de recheio; feita com matéria prima subsidiada, é elaborada e vendida em cada esquina.



- 12 Enfim, foram alguns dias – dez ao todo – que permitiram participar de um debate sobre um tema atual, estabelecer novos contatos (convites para participação no GT que coordeno, na próxima reunião da ABA, em julho de 2012), reconhecer alguns traços da dinâmica urbana de uma metrópole de escala comparável à de São Paulo, sentir a presença indígena no cotidiano da cidade, o que serviu de elemento de comparação com a pesquisa que o NAU realiza em Manaus. De uma troca de publicações (levei exemplares da coleção Antropologia Hoje, parceria do NAU e da Editora Terceiro Nome), trouxe, para a biblioteca do NAU (e à disposição do Departamento), os seguintes livros que dificilmente encontramos, a não ser nessas ocasiões:
- 13 Una ciudad donde habitan muchos dioses – Cartografía religiosa de Guadalajara, de Cristina Gutiérrez Zúñiga, René de la Torre e outros.

- 14 Atlas de la diversidad religiosa en México - de Cristina Gutiérrez Zúñiga, Reneé de la Torre (coord.)
- 15 Raíces en movimiento: prácticas religiosas tradicionales en contextos translocales, de Kali Argyriadis, Reneé de la Torre e outros
- 16 La Antropología Urbana en México - Nestor García Canclini (coord.)
- 17 Sistemas disciplinarios, experiencias de los migrantes mexicanos en Estados Unidos, de Ricardo Contreras
- 18 Dentro de los túneles de sentido: violencia, imaginarios, organización social, rituales y lenguaje en las pandillas juveniles de Ayacucho, Peru, de Abilio Vergara Figueroa.
- 19 Lugares de alta significación: imagen urbana y socialización en la Jardín Balbuena, de José Antonio García Ayala
- 20 Trovadores posmodernos: músicos en el sistema de transporte colectivo metro, de Olivia Domínguez Prieto
- 21 Tinta y carne: tatuajes y piercings en sociedades contemporáneas, de Edgar Morín y Alfredo Nateras (coord.)